



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

ROSIVANIA MARIA DA SILVA

INCLUSÃO ESCOLAR DE UM ALUNO COM A SÍNDROME DO X-FRÁGIL

MOSSORÓ/RN
2017

ROSIVANIA MARIA DA SILVA

INCLUSÃO ESCOLAR DE UM ALUNO COM A SÍNDROME DO X-FRÁGIL

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Especialista em Atendimento Educacional Especializado-AEE.

Orientadora: Prof.(a) Ms. Ana Gabriela de Souza Seal

INCLUSÃO ESCOLAR DE UM ALUNO COM A SÍNDROME DO X-FRÁGIL

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Especialista em Atendimento Educacional Especializado-AEE.

Defendida em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Ms. Ana Gabriela de Souza Seal - (UFERSA)
Orientadora
Presidente

Prof.^a. Ms. Michelle Sales Belchior - (UFERSA)
Membro Examinador

Prof.^a. Ms. Silvia Helena de Sá Leitão Morais Freire - (UFERSA)
Membro Examinador

RESUMO

A inclusão escolar, enquanto nova concepção de educação, paulatinamente, começou a penetrar nos espaços educativos abandonando o princípio da normalização, a partir da década de 90. Passou-se, então, a se constituir um compromisso não só com a democratização do ensino, mas também com a qualidade da educação por meio da identificação das necessidades dos educandos e da eliminação de qualquer barreira para a construção do conhecimento por parte de todos os alunos, incluindo-se os alunos com deficiência. Nesse sentido, esta pesquisa se propôs a discutir acerca do processo de aprendizagem de um aluno com a Síndrome do X-frágil matriculado numa escola municipal de Apodi/RN no período de 2016. Por meio de uma breve revisão de trabalhos de autores de destaque como Mantoan (2003), Pazzini et al (2009), Almeida (2015), entre outros, apresentamos uma retomada do processo histórico da inclusão escolar expondo as principais leis elaboradas para a sua efetivação. Para a coleta de dados foi realizada através de uma entrevista semi-estruturada, com a professora do aluno no período de 2016. Os resultados indicam que a professora desenvolveu um trabalho significativo, juntamente com a docente responsável do Atendimento Educacional Especializado - AEE, pois o aluno conseguiu avançar satisfatoriamente na sua aprendizagem, além disso, superou a resistência que tinha de não querer frequentar a escola comum. Como considerações, percebemos as práticas pedagógicas e os recursos utilizados foram satisfatórios para o processo de ensino e aprendizagem do aluno estudado. Enfim, a parceria que existiu entre a sala de aula comum com a sala do AEE, também contribuiu para o desenvolvimento do discente.

Palavras-chave: INCLUSÃO ESCOLAR; SÍNDROME DO X-FRÁGIL; SALA DE AULA COMUM.

ABSTRACT

School inclusion, as a new conception of education, gradually began to penetrate educational spaces, abandoning the principle of normalization, from the 90's. Then, a commitment was made not only to the democratization of education, But also with the quality of education by identifying learners' needs and eliminating any barrier to the construction of knowledge by all pupils, including pupils with disabilities. In this sense, this research proposed to discuss about the learning process of a student with the X-Fragile Syndrome enrolled in an Apodi / RN municipal school in the period of 2016. Through a brief review of works by prominent authors such as Mantoan (2003), Pazzini et all (2009), Almeida (2015), among others, present a resumption of the historical process of school inclusion exposing the main laws elaborated for its effectiveness. Data were collected through a semi-structured interview with the teacher of the student in the period of 2016. The results indicate that the teacher has developed a significant work, together with the teacher responsible for the Specialized Educational Assistance (AEE), since the Student was able to progress satisfactorily in his learning, in addition, he overcame the resistance he had to not attending the common school. As considerations, we realized the pedagogical practices and the resources used were satisfactory for the teaching and learning process of the student studied. Finally, the partnership that existed between the common classroom and the AEE room, also contributed to the development of the student.

Palavras-chave: SCHOOL INCLUSION; X-FRAGILE SYNDROME; COMMON ROOM ROOM.

1. INTRODUÇÃO

A inclusão é um tema que vem sendo discutido bastante entre os pesquisadores, haja vista que é um assunto bem presente na realidade do Brasil e do mundo. Sabe-se que, a inclusão escolar é reponsabilidade de toda comunidade escolar (diretor, supervisor, funcionários) e não só o professor tem a responsabilidade de se preocupar em perceber as dificuldades de cada aluno e a conhecer suas realidades socioculturais. Mais que isso, devem proporcionar, meios específicos e adequados para que possa atender, com sucesso, às necessidades de todos os alunos inseridos na escola, de forma que desenvolvam o conhecimento e se apropriem do saber, Saviani (2013, p. 7), acredita que “diretamente interessa à educação” e “emerge como resultado do processo de aprendizagem, como resultado do trabalho educativo”.

Assim, definimos como objeto de estudo deste trabalho o processo de aprendizagem de um aluno que tem a Síndrome de X-frágil que está matriculado na escola comum. A escolha do campo de investigação se deu a partir da indicação e orientação feita por uma técnica especialista da Secretaria de Educação da cidade de Apodi/RN. Pela função que exerce e por acompanhar a realidade das escolas do município, trata-se, portanto, de uma profissional que, além de conhecer cada instituição de ensino, também conhece, profundamente, cada gestor e coordenador pedagógicos das escolas. Além disso, interage com a crianças, sabendo a respeito do processo de ensino e aprendizagem do referido aluno. Diante disso, surgiu interesse de realizar uma pesquisa exploratória para saber sobre a temática. O resultado deste levantamento foi relevante, porque demonstrou que existem poucos trabalhos na área de educação tratando sobre o assunto.

A questão que direcionou este trabalho foi: como se deu o processo de aprendizagem de um aluno com a Síndrome do X-Frágil matriculado numa escola municipal de Apodi/RN no período de 2016? Tal pergunta impulsiona refletir sobre as dificuldades encontradas pela professora da sala de aula regular, ou seja, como organizava o processo formativo do aluno.

Para responder à nossa questão norteadora, traçamos como objetivo geral conhecer o processo de aprendizagem de um aluno com a Síndrome do X-frágil matriculado numa escola municipal de Apodi/RN no período de 2016.

Diante deste objetivo, acreditamos que esta investigação é relevante visto a carência de estudos acerca da Síndrome do X-Frágil. Entendemos também, que a pesquisa poderá contribuir para a reflexão dos professores que, hoje, se encontram desinformados sobre a

temática. Além do que, poderá servir para melhorar a prática pedagógica de professores que trabalham com estudantes que tem esta síndrome.

A pesquisa que ora se apresenta está organizada em quatro partes que possibilitam ao leitor obter informações necessárias para compreender como a investigação foi sendo tecida.

A primeira parte, corresponde a introdução, seção onde apresentamos um apanhado sobre o nosso objeto de estudo e o objetivo traçado para a pesquisa. Na segunda, discutimos sobre a inclusão escolar: a Síndrome do X-frágil no ensino regular. Depois, os caminhos metodológicos e por último as considerações finais.

2. INCLUSÃO ESCOLAR: A SÍNDROME DO X-FRÁGIL NO SISTEMA REGULAR DE ENSINO

A inclusão escolar, enquanto nova concepção de educação, começou a penetrar nos espaços educativos a partir da década de 90, abandonando o princípio de normalização. Assim, passou-se, a se constituir um compromisso não só com a democratização do ensino, mas também com a qualidade da educação através da identificação das necessidades dos estudantes e da eliminação de qualquer barreira para a produção do conhecimento por todos os educandos, incluindo-se nesse cenário os alunos com deficiência. Sobre isso, estabelece a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 206, inciso VII, “garantia de padrão de qualidade”. Dessa forma, entendemos que todo cidadão tem o direito de estudar em escolas que ofereçam boas condições, independentemente de suas limitações.

O objetivo da inclusão escolar é ter matriculados, frequentando e, sobretudo, aprendendo e desenvolvendo-se socialmente e culturalmente no espaço educacional comum, todos os indivíduos, desde o início de sua vida escola-independentemente de sua condição física e/ou intelectual. A Constituição Federal de 1988 em seu artigo 206, inciso I, determina a “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”.

Assim, a inclusão escolar – que tem a igualdade de oportunidades como princípio e ponto de partida – propõe que o sistema educacional constitua uma nova forma de organização e se reestruture em função das especificidades de todo e qualquer aluno, inclusive daqueles que, por tanto tempo, foram, excluídos da escola: os alunos com deficiência.

Nesse sentido, surgiram acentuadas e várias políticas públicas num esforço de larga escala, como: a Constituição Federal de 1988, a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), na Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), de 20 de dezembro de 1996 e o Plano Nacional de Educação,

para a produção de uma educação mais justa, através do planejamento e elaboração de diversos dispositivos legais que passaram a assegurar o direito de igualdade de oportunidades, garantindo a todo cidadão, independente das suas limitações, acesso e matrícula no sistema regular de ensino.

No cenário nacional, a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 205, assegura que a educação é “um direito de todos e dever do Estado e da família”. Além disso, estabelece que a educação deve ser promovida e incentivada com a participação da sociedade, visando o pleno desenvolvimento do cidadão, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Ibidem p. 42). Diante disso, compreendemos que todo aluno, independentemente de suas características físicas ou condição cognitiva/intelectual, tem o direito de estar matriculado e frequentando no ensino regular. O artigo 5º, da Constituição garante o princípio da igualdade:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (BRASIL, 1998, p. 14).

Em âmbito internacional, em 1994, foi elaborada – pelo governo da Espanha e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) - a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), na Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, nomenclatura que passou a ser amplamente disseminada, a partir deste dispositivo legal. Este documento afirma a importância de uma educação de qualidade para todos, no sistema regular de ensino, numa perspectiva de que todos possam ser atendidos, independente das suas condições físicas e intelectuais. Assim, estabelece que “aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a necessidades”. (UNESCO, 1994, p. 1).

Por isso, que consideramos importante pesquisar sobre a Síndrome do X-frágil, para incluir também as crianças que tem esta deficiência mental, que ainda é pouco conhecida entre professores nas escolas. Dessa forma, é preciso planejamento, e principalmente interesse das instituições de ensino, de buscar formação continuada para com isso obter conhecimentos a respeito dessa deficiência, para propor estratégias de ensino que venham proporcionar aprendizagem significativas para os estudantes.

Trata-se de uma síndrome de origem hereditária. Suas características são numerosas e variáveis, e se caracteriza por retardo mental, apresentando problemas em relação ao

comportamento e na linguagem. Para tratar, os sujeitos que tem a Síndrome do X-frágil, precisam de medicamentos específicos, acompanhamento com profissionais especialistas e de estratégias de ensino para melhorar a sua convivência e facilitar seu desenvolvimento na escola. A respeito dos sinais gerais dessa síndrome apresenta Pazzani et al (2009, p. 73): “rosto alongado, orelhas proeminente, má formação dentária, atraso no desenvolvimento psicomotor e deficiência mental”.

3. METODOLOGIA

Com a finalidade de alcançarmos o objetivo desse estudo, adotamos como método de investigação a pesquisa da abordagem qualitativa, modalidade extremamente relevante para um estudo na área de educação. Dessa forma, “a epistemologia qualitativa defende o caráter construtivo interpretativo do conhecimento, o que de fato implica compreender o conhecimento como produção e não como apropriação linear de uma realidade que se nos apresenta” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 05). Em outras palavras, considera o conhecimento como uma produção humana e não como algo que já está pronto e acabado.

Assim, para a realização desta pesquisa, optamos em aplicar para a coleta de dados, entrevista semi-estruturada, com tópicos previamente apontados, mas com margem para novas questões, funcionando como roteiro básico. Sobre essa ideia, discorre Lüdke (1986, p. 34) “[...] a entrevista semi-estruturada, que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”.

Quanto a escolha do campo de investigação, se deu a partir da indicação de uma profissional da Secretaria de Educação da rede municipal de ensino na qual sugeriu um estudo de caso de um aluno com a Síndrome do X-Frágil, por ser uma temática pouco conhecida nas escolas. Dessa forma, a escola estudada localiza-se no bairro COHAB na cidade de Apodi/RN, onde atende estudantes desde a Educação Infantil ao Ensino Fundamental.

A escolha do sujeito, optamos por entrevistar a professora do 5º ano do Ensino Fundamental, pelo fato de ter acompanhado o processo de aprendizagem da criança no ano letivo de 2016.

Para alcançar ao objetivo acima exposto, o trabalho foi desenvolvido mediante pesquisa qualitativa, com entrevista semi-estruturada. O sujeito da pesquisa foi um aluno que estuda no Ensino Fundamental, numa escola da rede municipal de ensino da cidade de Apodi/RN. Nos estudos teóricos, utilizamos os seguintes autores: Mantoan (2003), Pazzini et al (2009), Almeida (2015).

4. RESULTADOS/DISCUSSÕES

O sujeito estudado foi um aluno com a Síndrome do X-frágil, que estuda numa escola da rede municipal de ensino de Apodi/RN. A criança, tem 12 (doze) anos e é filho de pais separados. Nasceu em Apodi/RN, em uma família pequena. Iniciou sua vida escolar aos 3 (três) anos de idade. Até aos 10 (dez) anos frequentou uma escola privada, pois sua mãe acreditava que os cuidados seriam melhores. Em 2016 sua concepção mudou, concluiu que para suas limitações e necessidades a escola pública seria a mais indicada, por disponibilizar espaços, recursos e profissionais preparados para trabalhar com seu filho. Durante a conversa com a mãe do aluno percebemos a sua imensa vontade de vê-lo progredindo nos estudos, mas que ela deixou claro que não foi fácil, a adaptação do estudante na escola foi fruto de muitas tentativas e várias delas seu sucesso. Segundo Mantoan (2003, p. 30):

Os pais podem ser nosso grandes aliados na reconstrução da nova escola brasileira. Eles são uma força estimuladora e reivindicadora dessa tão almejada recriação da escola, exigindo o melhor para seus filhos, com ou sem deficiências, e não se contentando com projetos e programas que continuem batendo nas mesmas teclas e maquiando o que sempre existiu.

Diante dessa realidade, é preciso luta e vontade para melhorar a qualidade de ensino nas escolas brasileira, é uma conquista coletiva, ou seja, de toda comunidade escolar, principalmente, dos pais que desejam tanto uma boa educação para seus filhos.

No início o aluno frequentava a escola com resistência, mas conseguiu se adaptar gradativamente, após inúmeras tentativas. Hoje mantem uma rotina diária, vindo à escola todos os dias. Sobre isso discorreu a professora na sua fala:

[...] logo que começou a frequentar a escola percebemos que não gostava, porque ficava muito tempo fora da sala de aula, mas aos poucos fui conversando e tentando ter a confiança dele, foram várias vezes que sai da sala buscando convencê-lo” (fala da professora, 19 de abril de 2017).

Podemos observar no trecho, que logo que aluno chegou à escola não conseguiu se interagir com a professora. Notamos que essa rejeição se deu pelo fato do aluno não conhecê-la. Portanto, depois de muitas conversas com a professora e com a equipe escolar conseguiram manter um diálogo com a criança e, a partir disso a docente, conseguiu manter uma relação de amizade e com isso convencer o educando a frequentar a sala de aula comum.

Na entrevista a professora relatou que o aluno apresenta certa limitação na aprendizagem, na escrita, leitura, comunicação e na interação social. Mas, demonstra uma memória declarativa normal, pois consegue identificar cores, realiza a leitura do alfabeto, conhece as formas geométricas e apresenta uma capacidade de associar e relacionar objetos. No trecho a seguir podemos observar o posicionamento da professora sobre a aprendizagem do aluno:

[...] o aluno ainda não sabe ler e escrever convencionalmente, por causa da síndrome, mas já desenvolveu algumas habilidades utilizando objetos, ou seja, ele apresenta maior facilidade de desenvolver atividades com material concreto e com softwares educativos (fala da professora, 19 de abril de 2017).

O discurso da professora nos faz entender que, o aluno tem certas limitações de aprendizagem, mas conseguiu desenvolver através de estratégias de ensino utilizando recursos didáticos para o seu processo de ensino e aprendizagem.

Assim, é preciso que a escola possa acreditar que todos os alunos têm capacidades de aprender e, que a aprendizagem é um processo contínuo e coletivo, onde toda a comunidade escolar são importantes para a efetivação desta tarefa. Além disso, precisamos destacar o trabalho do professor com uma prática pedagógica inclusiva, possibilitando a todos os educandos, a construção de uma aprendizagem significativa e interativa, de forma que o docente possa ver os avanços, onde antes muitos viam limitações físicas e cognitivas. Segundo Antunes:

A aprendizagem escolar precisa ser vista como um processo conjunto, compartilhado entre professores e alunos com a finalidade de levar o aprendiz, ajudado por professores e seus colegas, a se mostrar progressivamente autônomo na resolução de tarefas, na transformação de informação em conhecimento, na interpretação, utilização e transformação de conceitos, na prática determinadas iniciativas e múltiplos desafios (ANTUNES, 2002, p. 31).

Segundo a professora, é uma criança que observa e memoriza acontecimentos, fatos e ocorridos, com certa clareza. Gosta de correr, de ouvir e contar histórias, assumindo o papel de cada personagem, reproduzindo a fala de cada um. Na sua fala disse:

[...] ele tem muitas capacidades, pois monta blocos, quebra-cabeça e usa computador. É um aluno inteligente e interessado em desenvolver habilidades, só precisa de mais atenção e ajuda, por isso que quando eu posso trabalho atividades diferenciadas com ele para desenvolver sua aprendizagem (fala da professora, 19 de abril de 2017).

Assim sendo, destacamos a importância que a professora dá ao aluno, em relação a sua aprendizagem, das capacidades e habilidades que ele necessita desempenhar em sala de aula para, a partir disso, desenvolver um trabalho significativo para possibilitar avanços na aprendizagem do educando. Sobre isto, Mantoan (2003, p. 33) defende que:

As escolas que reconhecem e valorizam as diferenças têm projetos inclusivos de educação e o ensino que ministram difere radicalmente do proposto para atender às especificidades dos educandos que não conseguem acompanhar seus colegas de turma, por problemas que vão desde as deficiências até outras dificuldades de natureza relacional, motivacional ou cultural dos alunos.

Para a autora, é preciso que considere as necessidades do aluno, que a escola possa desenvolver um trabalho inclusivo, propondo um ensino para atender as dificuldades dos estudantes, ou seja, que proporcione trabalhar a partir de suas limitações. Conviver com as diferenças hoje na escola, é uma necessidade para que possamos conhecer as particularidades, singularidades e peculiaridades de cada aluno, para que dessa forma, a instituição de ensino possa repensar o seu papel, a sua função social, bem como propor e desenvolver ações coletivas envolvendo escola-família-comunidade, para promoverem a acessibilidade dos estudantes de diferentes grupos sociais, gênero e raça que apresentem alguma limitação ou necessidade educacional especial.

No seu relato a professora discorreu que ele demonstra um certo grau de ansiedade, pois em algumas situações realiza suas necessidades fisiológicas na roupa. Mas, existem momentos que consegue manter sua própria independência, fazendo suas necessidades no banheiro e se alimentando sozinho. Como mecanismo de defesa realiza algumas reações como: *“ele gosta de cuspir, jogar objetos quando está com raiva e empurrar as pessoas mais próximas com as próprias mãos”*. Dessa forma, percebemos que o sujeito sabe se defender no momento que se sente ameaçado, mas do seu jeito, com suas habilidades e capacidades.

A docente relatou ainda, que o discente não consegue demonstrar afetividade na escola por ninguém, por ser tímido e reservado. Como mostra o trecho abaixo:

[...] ele é muito tímido, não gosta muito de falar com as pessoas, repete as conversas dos outros e não sente muita afeição pelas pessoas, somente pela mãe e irmã” (fala da professora, 19 de abril de 2017).

Diante desse relato, podemos perceber que o aluno só mantém uma interação de afetos apenas com sua família, ou seja, com pessoas que convive diariamente. Notamos que, o educando é amoroso e atencioso, ou seja, se relaciona bem, mas com pessoas próximas a ele.

Na entrevista, mencionou que o aluno tem dificuldades de permanecer na sala comum no horário integral, solicita para sair para o pátio da escola e outras áreas como: sala do Atendimento Educacional Especializado - AEE e sala de leitura. Quanto a sua participação no AEE, a professora relatou que ele realiza algumas atividades complementares, ou seja, a docente responsável faz o acompanhamento individual com o aluno de forma satisfatória. Dessa forma, percebemos que existe um trabalho coletivo em a sala comum e a sala do AEE. Conforme o Art.2º da resolução nº4/2008:

O AEE tem como função complementar ou suplementar a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem. Parágrafo único. Para fins destas Diretrizes, consideram-se recursos de acessibilidade na educação daqueles que asseguram condições de acesso ao currículo dos alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, promovendo a utilização dos materiais didáticos e pedagógicos, dos espaços, dos mobiliários e equipamentos, dos sistemas de comunicação e informação, dos transportes e dos demais serviços.

Dessa forma, percebemos que existe um trabalho articulado do AEE e a sala comum, o primeiro complementa a formação do aluno a fim de eliminar as barreiras facilitando a sua participação na sala regular. Quanto à segunda, vem realizando um trabalho interdisciplinar e colaborativo com o aluno.

Na fala da professora podemos perceber dificuldades vivenciadas por ela no processo de ensino e aprendizagem do aluno na sala de aula. No trecho a seguir ela discorreu que:

[...] o aluno avançou, mas tive muitas dificuldades, primeiro porque era uma sala de aula lotada, e não tinha auxiliar para ele, só tinha uma cuidadora para dá assistência nas necessidades fisiológicas do educando, com isso, sentia essa necessidade de ter uma pessoa para me ajudar na aprendizagem dele (fala da professora, 19 de abril de 2017).

Nesse trecho, observamos as angústias e preocupação da professora com o processo de aprendizagem do aluno com a Síndrome do X-frágil, de trabalhar sozinha na sala de aula, pois para ela, era necessário um auxiliar para ajudá-la no processo de aprendizagem do aluno. Para ela, a cuidadora não apresentava capacidade para trabalhar com o aluno.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão escolar que, atualmente, permanece como paradigma da educação e como forma de luta para que o ensino seja, de fato, de qualidade e para todos impõe a todo o sistema educacional a necessidade urgente e intransponível de realizar importantes mudanças em sua organização e estrutura.

Motivadas pelo interesse de pesquisar e estudar o processo de aprendizagem de um aluno com a Síndrome do X-frágil, delimitamos como objetivo geral conhecer o processo de aprendizagem de um aluno com a Síndrome do X-Frágil matriculado numa escola municipal de Apodi/RN no período de 2016.

O discurso da professora aponta que, logo que começou a trabalhar com aluno, sentiu dificuldades e medo pela falta de conhecimentos sobre a síndrome do aluno, mas ao participar de algumas palestras ministradas pela mãe do educando foi superando. Hoje, se sente satisfeita e realizada, embora tenha vivenciado um choque com a realidade pela insegurança que sentia de trabalhar com o aluno.

Com os resultados, eles indicam que a professora desenvolveu um trabalho significativo com o aluno, juntamente com a docente responsável do Atendimento Educacional Especializado - AEE, pois o educando conseguiu avançar satisfatoriamente na sua aprendizagem, além de ter superado a resistência que tinha de não querer frequentar a escola comum.

Enfim, percebemos que as práticas pedagógicas e os recursos utilizados foram satisfatórios para o processo de ensino e aprendizagem do aluno pesquisado. A importância da parceria que existiu entre a sala de aula comum com a sala do AEE, que muito contribuiu para o desenvolvimento do discente.

As angústias e as preocupações em relação à profissão docente apontam que a professora deseja que e que haja valorização da sua profissão e de seu trabalho, proporcionando cursos de formação continuada, indicando pretensão de permanecer na profissão e, portanto, vínculo com a docência.

Diante da carência de pesquisas sobre o processo de aprendizagem de estudantes com a Síndrome do X-Frágil matriculado em escolas regulares, consideramos este trabalho de pesquisa relevante, pois a maioria dos estudos sobre a temática não analisam os sujeitos e sim, realizam análises dos discursos e não procuram investigar o sujeito na sua totalidade.

Não podemos dizer que este percurso transcorreu sem atropelos e dificuldades, pois é uma temática nova e complexa e que despertou a refletir, a fazer e refazer muitas vezes, as

atividades planejadas. Porém, buscamos como meta apresentar os resultados da melhor maneira possível e compreender as zonas de sentidos, de modo que representassem o modo de trabalhar da professora entrevistada.

Desta forma, finalizamos este trabalho de investigação com a questão pertinente respondida. Entretanto, sabemos que não se esgotam nesta pesquisa, pois existem novas questões para pesquisas futuras, já que consta de uma discussão nova e relevante.

Ainda, registramos que a realização desta pesquisa nos oportunizou novas concepções e compreensões sobre a realidade que constitui a Síndrome do X-frágil e sobre o ser pesquisadora. Embora tenhamos realizado outras pesquisas anteriormente, apreendemos que o esta síndrome é bem mais complexa do que pode parecer. Com surgimento de novas concepções, tecnologias e a desvalorização social, os desafios da profissão docente geram inquietações no professor.

Com relação a ser pesquisadora, apreendemos que pesquisar é um caminho de idas e de vindas, de construção, mas também de desconstrução. Além disso, compreendemos que uma pesquisa não supre somente nossas expectativas para atender ao objetivo, mas de tornar o objeto de estudo relevante para outros sujeitos, isto é, de possibilitar conhecimentos novos para o leitor e para todos os envolvidos; no caso, a professora que entrevistamos.

De uma forma ou de outra, encerramos esta breve discussão reiterando que a proposta educacional de inclusão - que nada mais é do que a oferta a todos os alunos da oportunidade de estarem diante de relações sociais compostas por várias culturas e formas de ser, ou seja, ricas - pode se efetivar ou não na escola. Mais que mudanças na estrutura organizacional ou física da escola, a inclusão se efetiva quando o docente, regente das maiores ações educacionais na sala de aula, constitui sentido para a sua ação pedagógica na perspectiva inclusiva. É somente refazendo sua forma de sentir e pensar que ele poderá, de fato, agir diferente: segundo os princípios de uma educação inclusiva. Somente assim, poderá ofertar um ensino de qualidade.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mônica Rafaela de. **Deficiência intelectual e o atendimento educacional especializado**. Mossoró, 2015.

ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

AQUINO, Júlio Groppa Aquino (Org.). **Diferenças e preconceitos na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988. Disponível em:
<http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_04.02.2010/CON1988.pdf>. Acesso em: 10 de mai. 2017.

_____. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

_____. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 10 mai. 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf>. Acesso em: 10 de mai. 2017.

CARVALHO, Rosita Edler. **Escola inclusiva**: a reorganização do trabalho pedagógico. Porto Alegre: Mediação, 2010. (3ª ed. atual. ortog.).

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneiro Thomson Learning, 2005.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **O desafio das diferenças nas escolas**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. **Inclusão escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? Editora: Moderna, 2003. – (coleção cotidiano escolar).

PAZZINI et all. **Síndrome do x-frágil: orientações aos professores**. Pedagogia em ação, v.1, n.2.p. 1-122, ago/nov. 2009 – semestral.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

.